

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA</p> <p>1 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES</p> <p>DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL</p> <p>Curso de Comunicação Social – Jornalismo</p>
---	--

FUTEBOL FEMININO EM MINAS GERAIS: Uma Visão da Modalidade no Estado.

Mayla Araújo Castro e Pedro Henrique de Souza Castro

Viçosa, 2023

 <p>JORNALISMO UFV</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA</p> <p>2 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES</p> <p>DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL</p> <p>Curso de Comunicação Social – Jornalismo</p>
--	--

FUTEBOL FEMININO EM MINAS GERAIS: Uma visão da modalidade no estado

Mayla Araújo Castro e Pedro Henrique de Souza Castro

**Projeto Experimental apresentado ao
Curso de Comunicação Social,
Habilitação em Jornalismo, da
Universidade Federal de Viçosa, como
requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Comunicação Social.
Orientação: Prof. Ricardo Duarte Gomes
da Silva**

Viçosa, 2023

Projeto Experimental intitulado FUTEBOL FEMININO EM MINAS GERAIS: Uma visão da modalidade no estado, de autoria dos estudantes Mayla Araújo Castro e Pedro Henrique de Souza Castro, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Ricardo Duarte - Orientador
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Prof.^a Dr.^a Laene Mucci Daniel - Membro 1
Coordenadora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo

Rafael Borges Martins – Membro 2
Técnico-Administrativo Departamento de Comunicação Social

_____/_____/_____

Data da Defesa

AGRADECIMENTOS

Mayla Araújo

Após cinco anos, chegou o momento de finalizar esse ciclo tão especial e que definitivamente mudou a minha vida. Esse Trabalho de Conclusão de Curso marca a minha tão esperada graduação em Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa. Primeiramente gostaria de agradecer a minha família, principalmente os meus pais, Jaqueline e Waldmir, pelo imenso apoio ao longo de toda minha vida. Vocês proporcionaram uma rede de apoio incrível para que eu pudesse trilhar meus caminhos, e sempre confiaram e me apoiaram nas minhas escolhas, por mais duvidosas que fossem. Também gostaria de agradecer aos demais membros da minha família, tanto a Lana Araújo quanto a Castrisse. Sem vocês essa graduação não seria possível.

Agora falando de fato deste TCC, gostaria de agradecer ao Clube Atlético Mineiro e ao América Futebol Clube por permitirem a participação de suas atletas nesse projeto. Gostaria de agradecer, principalmente, os profissionais da área de comunicação João Paulo de Oliveira e Fábio Pinel por terem me dado a abertura e os caminhos para conseguir as entrevistas no Atlético.

Agradeço imensamente ao meu amigo, parceiro de gestão da Atlética e companheiro de TCC, Pedro Henrique, o Alface por ter me acompanhado nesses anos de amizade na loucura, mas também no profissional. Tenho certeza que você terá um futuro brilhante na área e tenho orgulho de todas as nossas conquistas. É só o começo!

Falando em amigos e Atlética, impossível não citar a instituição que eu mais me dediquei nos meus anos na UFV: a Associação Atlética Acadêmica das Humanas. Foi por meio dela que conheci meus principais amigos que me acompanharam nessa jornada universitária, além de ser onde eu me desenvolvi e amadureci tanto pessoalmente quanto profissionalmente. Agradeço a todos os meus humanos pelo apoio incondicional e por sempre confiarem no meu trabalho. Tenho muito orgulho de tudo que conquistamos nos últimos anos.

Agradeço, ainda, aos meus amigos de Viçosa, principalmente ao seletivo e peculiar “Merecedores”. Vocês deixaram meus dias mais leves e me proporcionaram grandes memórias e histórias para contar. Vou levar vocês para a vida! Amo todos (menos alguns).

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente participaram da minha caminhada ao longo desses anos. Por mais que não tenham sido citados nominalmente, até porque seria muito difícil citar todo mundo, saibam que tenho um carinho enorme por todo

apoio e por tudo que fizeram e me ensinaram nesse período.

É isso! Bora formar!

Pedro Henrique Castro

A realização deste trabalho é o ponto final de uma história que se iniciou antes mesmo da minha vinda à Universidade Federal de Viçosa. Em 2018, quando, ao que se passavam os dias, ia percebendo que a profissão jurídica não era o que eu queria para minha vida. Fiz, ainda sem ter certeza do que viria a ser minha escolha, a inscrição no Exame Nacional do Ensino Médio de 2018. Foi um ano de incertezas e uma das raras ocasiões em minha vida que realmente parei para estudar, visto que o meu ensino médio passara de forma desleixada, ao mesmo tempo que abrupta. Eu tinha certeza que queria novos rumos em minha vida. Passado a prova e vendo que havia tirado uma boa nota, poderia escolher, com um leque mais variado, o que eu teria de aspirações. No último dia de inscrições do Sistema Único de Seleção Unificada, ainda tinha dúvidas do que queria. À meia noite, se encerrava o sistema, e eu, às 23h57, ainda perdido, tomei uma decisão após ficar considerando entre alguns cursos e decidi vir para a UFV cursar Comunicação Social/Jornalismo no ano de 2019. Mal sabia eu que havia acabado de tomar a melhor decisão de minha vida.

Muito vivi nesses quase 5 anos (maioria dessas vivências, não cabem neste Memorial) e muitas pessoas conheci. Algumas fizeram parte da minha vida e estão para sempre em meu coração, outras fazem parte da minha história e, ainda, outras farão, para sempre, parte de quem sou. Com certeza faltarão pessoas nesse breve relato de Agradecimento, não por falta de consideração por minha parte e, sim, por falta de memória mais aguçada (e por falta de tempo, confesso). A quem deveria estar neste documento e faltou, meus mais sinceros pedidos de desculpas.

Começando pelo início dessa minha trajetória, quero agradecer a quem está comigo desde o começo da jornada e que, lá no começo de 2019, forma o quarteto que a UFV aprendeu a amar: o Cria Records, a Tropa do P Médio, o Casados e João Vítor. Caio Ferreira, João Vítor Martins e Matheus Tavares, obrigado por sempre se fazerem partes inerentes de sorrisos e alegrias e por sempre fazerem com que os momentos difíceis sejam mais leves. Sabem que são dos que levarei para toda vida.

Ainda nas amizades mais importantes, envio meus agradecimentos para todos os Merecedores, desde os que ainda estão neste seleto grupo de seres humanos ímpares àqueles que já estiveram. Desde a volta das atividades presenciais, pós pandemia, vocês são as

amizades que solidificaram momentos inesquecíveis para mim nessa etapa de graduação nessa universidade.

Falando em pandemia, há uma instituição que, mesmo que eu tenha entrado antes dela no corpo diretor, foi muito importante para minha estadia em Viçosa e não é, de maneira alguma, hiperbólico dizer que ela salvou minha graduação durante o período mais difícil física, mental e psicologicamente de toda minha vida (e arrisco a dizer que salvou ela também): a Associação Atlética Acadêmica das Humanas. Desde todos os membros da diretoria que compartilharam, nem que seja ao menos alguns poucos dias, comigo a gestão, as pessoas que, ao longo desses anos, estiveram comigo na diretoria de Comunicação e Marketing, os atletas e treinadores de todas nossas modalidades, mas em especial aqueles que dividiram as quadras comigo, seja no basquete, no handebol e, principalmente, no futsal. Amo todos vocês e todas as nossas conquistas. Fizeram muito bem a mim.

Já que mencionei a AAAH, Um agradecimento especial para minha veterana, amiga, irmã, parceira de gestão e de TCC: Mayla Araújo. Tudo que vivemos foi muito especial e trabalhar com você foi sempre gratificante. É uma honra apresentar esse Trabalho de Conclusão de Curso com você.

Ainda nas pessoas que conheci na Atlética, a mais importante de todas: Heryca Baêta, o maior presente que eu poderia receber. Saiba que eu amo muito você e que nossa história juntos está apenas começando. De todos os momentos que passamos juntos, dos melhores e dos piores, estar com você ao meu lado sempre foi especial. Que bom que acordei a tempo de poder te chamar de namorada, minha lindica!

A todo o corpo docente e de técnicos-administrativos do Departamento de Comunicação Social, meu muito obrigado pelo tempo passado na graduação, pelos conhecimentos passados e pela relação de amizade, para sempre lembrarei dos momentos na graduação com muito carinho.

E, para finalizar, como todo pilar precisa de uma base firme, nada mais justo que esse singelo agradecimento tenha como base o mais importante para mim: Cláudia, minha mãe, Henrique, meu pai, Paulo Henrique, meu irmão e Neide, minha avó: Posso falar, escrever e dizer por toda a eternidade que nunca será suficiente para expressar o tanto eu agradeço, sou grato e amo tudo o que foi, é, o e que será, para sempre, minha vida devido a vocês. Meu muito obrigado por tudo, desde quando tudo era incertezas para vocês e eu, pequeno, pirraçava por qualquer coisa até o dia de hoje, em que me graduo no ensino superior, desde quando lia minhas primeiras palavras e frases até o dia de hoje, em que leio e vejo tudo o que fizeram sempre por mim, desde quando meu irmão apareceu e que brigávamos por qualquer

coisa até o dia de hoje, em que ele começa a trilhar o caminho em que, hoje eu termino. Mãe, você vai realizar o sonho de me ver de beca dessa vez (visto que, na primeira vez, eu era muito novo e piraicei para não entrar com você). Pai, vou me formar no ano de nossa Libertadores. O Fluminense, que sempre era mais uma coisa que nos unia, nos presenteou neste ano também. Vó, você vai ver o seu fofinho caminhar para receber o diploma em uma universidade maravilhosa que você conhecerá e se maravilhará. Irmão, estaremos juntos em festas e terá uma prévia de uma fração do que você vai conquistar nessa sua trajetória. Sempre estivemos e estaremos juntos em tudo. Você, que reclama que eu não expesso meus sentimentos por você, deixo documentado aqui oficialmente: eu te amo!

Fica assim então, né UFV? Fui feliz!

RESUMO

O presente projeto experimental “Futebol feminino em Minas Gerais: uma visão da modalidade no estado” é um projeto experimental realizado para o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV). refere-se à a realidade do futebol feminino brasileiro, em específico fazendo o recorte para atletas do Clube Atlético Mineiro e América Futebol Clube, duas das maiores agremiações esportivas do Brasil, com sedes em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte, Futebol, Reportagem, Futebol Feminino

ABSTRACT

The present experimental project, "Futebol feminino em Minas Gerais: uma visão da modalidade no estado" is an experimental project conducted for the Final Course Project of the Social Communication - Journalism course at the Federal University of Viçosa (UFV). It addresses the reality of Brazilian women's soccer, specifically focusing on athletes from Clube Atlético Mineiro and América Futebol Clube, two of the largest sports clubs in Brazil, based in Belo Horizonte, Minas Gerais.

KEYWORDS: Sports, Football, Reporting, Women's Football

SUMÁRIO:

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	11
2.1 GERAIS	11
2.2 ESPECÍFICOS	11
3 REFERENCIAL TEÓRICO	12
3.1 HISTÓRIA DO FUTEBOL	12
3.2 HISTÓRIA DAS MULHERES NO FUTEBOL	13
3.3 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	15
3.4 O FUTEBOL FEMININO E A MÍDIA BRASILEIRA	18
3.5 ORIGEM DO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO E PRIMEIROS PASSOS DO SEU FUTEBOL FEMININO	19
3.6 AMÉRICA FUTEBOL CLUBE E SEU FUTEBOL FEMININO.....	20
3.7 GRANDE REPORTAGEM	23
4 RELATÓRIO TÉCNICO	24
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO	24
4.2 PRODUÇÃO	24
4.3 PÓS-PRODUÇÃO	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
7 ANEXOS	29

1. INTRODUÇÃO

Há um claro distanciamento do futebol feminino para o masculino. As mulheres, no Brasil, eram proibidas de praticar esportes até bem pouco tempo. Foi somente em 1983 que a prática voltou à legalidade. Neste ano, disputava-se o 24º Campeonato Brasileiro – de acordo com a contagem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) – e o Flamengo se tornava campeão da competição pela primeira vez, o Grêmio vencia a Libertadores – torneio que já se consolidava como o principal do continente –, entre outros números de um futebol que já ultrapassava 80 anos de construção. O Campeonato Brasileiro, inclusive, só foi ter sua primeira edição, chancelada pela CBF e com sua forma oficial para o futebol feminino, em 2013, tendo, portanto, apenas 10 anos de competições. A cobertura da mídia, inclusive, pouco fala e se aprofunda no esporte. Prestes a ter início a Copa do Mundo de Futebol Feminino, principal campeonato entre seleções da modalidade, os portais esportivos cobrem muito pouco sobre o torneio.

Esse problema com a mídia não é novo. Pelo contrário, houveram importantes evoluções desde então. No final dos anos 80, após resultados expressivos do Esporte Clube Radar, time de futebol feminino de maior sucesso da época que venceu torneios internacionais e da CBF, houve uma maior adesão e difusão do esporte. O Radar se extinguiu em 1988 e o esporte sofreu uma leve estagnação, mas com a FIFA promovendo a primeira Copa do Mundo feminina em 1991, a Confederação buscou procurar atletas para representar o Brasil e, devido a essa estagnação, a seleção não foi muito bem: conseguiu um modesto nono lugar, muito pouco para um país que, supostamente, respira futebol. Mas já em 1996, a modalidade foi inserida como uma das que seriam disputadas nas Olimpíadas e, aí sim, o Brasil conseguiu um bom resultado ao alcançar o quarto lugar. Com esse panorama, era esperado que a mídia se interessasse mais pelo esporte e ajudasse a difundí-lo, a fim de fazer com que o país se estabelecesse como uma das potências da modalidade, mas não foi assim (KANESIRO, 2009).

Nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, o esporte foi inserido como modalidade olímpica e o futebol feminino brasileiro conquistou o quarto lugar. A partir daí era esperado uma maior aderência do esporte por parte da população e da mídia, porém mesmo com um maior número de praticantes do esporte, a mídia não se interessou, o que prejudicou a expansão e crescimento do futebol feminino, já que a mídia é um importante instrumento para este fim. (KANESIRO, 2009, p. 9).

Além da mídia ter atrapalhado o desenvolvimento do futebol feminino nesse sentido, é notável que o espaço que a modalidade tem nos veículos midiáticos, que já é pouco e bem menor, se comparado ao masculino, auxilia em aumentar o preconceito que já é enraizado na sociedade em relação à modalidade. Grande parte das notícias trazem lances inusitados, resultados absurdos –

como uma vitória do Flamengo no Campeonato Carioca de 2022 sobre a equipe do Rio São Paulo por 34 a 0 – ou, infelizmente, notícias sobre assédios, casos de preconceito e afins.

Este projeto surge da necessidade de produzir um conteúdo que foque na preparação das mulheres para uma competição que, no futebol masculino, é tradicional e centenária. O Campeonato Mineiro de Futebol Masculino foi disputado 109 vezes. Já o Mineiro da modalidade feminina aconteceu somente 18 vezes. Em ambas as modalidades, o Atlético Mineiro é o maior campeão com 48 títulos no masculino e 8 no feminino.

A ideia de trazer o dia a dia da preparação das atletas é motivada pelo aumento do interesse pelo esporte, principalmente nos últimos anos, em que houve uma determinação da CONMEBOL e que, posteriormente, foi abraçada pela CBF, de que todos os clubes da Série A deveriam ter um time de futebol feminino estruturado. Essa medida foi importante no sentido de incentivar a modalidade a crescer e se desenvolver, bem como aumentar sua procura. Além disso, o baixo número de produções, principalmente na mídia tradicional, nos fez querer mostrar quais são os desafios das jogadoras, não só no âmbito esportivo, mas também no pessoal e, em alguns casos, profissional além do esporte.

A maior competição da modalidade, a Copa do Mundo FIFA Feminina, só foi ser transmitida em TV aberta em 2019, quase 30 anos após a primeira edição e somente há quatro anos. Na iminência da Copa do Mundo Feminina de 2023, houveram recentes investimentos na sua cobertura, como o caso influenciador Casimiro Miguel por meio da sua a empresa de *streaming* CazéTV, fenômeno de mídia que, de forma alternativa, alcança números altíssimos e comprou os direitos de transmissão da competição. Sendo assim, sentimos a necessidade de fazer um conteúdo voltado ao futebol feminino regional, que muitas vezes revela atletas novas, que irão fazer parte do esporte no âmbito nacional, mas que passam por dificuldades mais latentes em relação às condições de trabalho.

2. OBJETIVOS

2.1. GERAIS

O objetivo geral deste trabalho é acompanhar e retratar a realidade do futebol feminino mineiro, em específico fazendo o recorte para atletas do Clube Atlético Mineiro e América Futebol Clube, duas das maiores agremiações esportivas do Brasil, com sedes em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. A modalidade dos times têm poucos anos de existência comparadas às equipes

masculinas e ainda lutam para se estabelecer no cenário esportivo nacional, assim como o futebol feminino no geral.

2.2. ESPECÍFICOS

- Compreender a visão das atletas em relação ao futebol feminino no estado de Minas Gerais;
- Dar voz às atletas para contar como é a experiência de vida delas enquanto jogadoras;
- Analisar como a influência de gênero atua na popularização do esporte;
- Entender como foi o princípio da carreira das atletas e o que as motivou a seguir a carreira;
- Entender como tem acontecido o planejamento e a estruturação da modalidade nos clubes desde a sua criação.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1.HISTÓRIA DO FUTEBOL

O futebol, como conhecemos hoje, é uma longa evolução de diferentes práticas e jogos com uma bola, de qualquer que seja seu material ou sua concepção, em diversos locais do mundo e diferentes contextos culturais.

De acordo com Morelli (1986), a origem do futebol é contraditória, havendo diversas versões de quando e onde começou a prática de chutar bola.

O que há de consenso e como fato é que a expansão da prática foi na Inglaterra. No início do século XVIII, os jovens começaram a praticar atividades com bola, que até então era privilégio dos camponeses e operários. A Rugby School e Cambridge divergiam sobre as regras do desporto, em especial no que dizia respeito ao uso das mãos. Da Cunha Voser, Guimarães e Ribeiro (2010) relataram que as discussões eram tão intensas que haviam brigas e discórdias frequentemente e, em 1823, foi erguida uma placa de bronze comemorando o pioneirismo de William Webb Ellis, que mudou a forma como se jogava o Foot Ball e foi um dos inventores do que hoje é o Rugby atual. Mas no mesmo ano, seguidores das regras estabelecidas por Cambridge do Foot Ball criaram a “Foot-Ball Association”, que introduziu regras, principalmente a proibição do uso das mãos no jogo. Esse futebol evoluiu para criação da “The Foot-Ball Association League”, em 1871, que instituiu a Taça da Inglaterra, hoje conhecida como a FA Cup, campeonato mais antigo de futebol do mundo.

A primeira partida entre seleções da história foi um 0x0 entre a seleção inglesa e a seleção da Escócia, enquanto o primeiro campeonato entre seleções nacionais foi em 1883, na qual os quatro países da Grã Bretanha disputaram um quadrangular, vencido pela Inglaterra. Já a primeira liga veio com a organização do primeiro campeonato inglês, em 1893, vencido pelo Preston. A esta altura, o futebol já está consolidado na Grã Bretanha, servindo de modelo para os países vizinhos da Europa, que também aderem à prática do futebol nesses moldes e, a partir daí, começam a ser exportados e levados para o resto do mundo, sendo comum a exportação do esporte para as colônias desses países, sendo uma delas o Brasil.

O futebol foi trazido ao Brasil no final do séc. XIX, mais precisamente com a vinda de Charles Miller em 1894, quando veio da Inglaterra com duas bolas usadas, um par de chuteiras, um livro com as regras do esporte, bombas para encher as bolas e uniformes usados. A primeira partida de futebol em terras brasileiras com as regras mais ou menos estruturadas como as de atualmente foi em abril de 1895, entre as equipes da Companhia do Gás (The Team of Gaz Company) e da São Paulo Railway, vencida por esta por 4x2. Charles Miller, animado com o sucesso da exibição, decide criar a Liga Paulista de Futebol, primeira entidade organizadora do esporte no país.

A trajetória inicial do futebol no Brasil era de um caráter altamente elitista, já que somente os ingleses vindos ao Brasil, que raramente eram pobres (os imigrantes ingleses que não tinham condições financeiras abastadas iam, geralmente, para os Estados Unidos ou Canadá), e os brasileiros da alta sociedade tinham acesso ao jogo. O futebol nessa época ainda era amador, em conformidade com o que pensava as elites da época, pois assim afastava os menos favorecidos do esporte que não conseguiam se dedicar a sua prática. Desde essa época, porém, já representava uma forma de ascensão social e já havia uma projeção de que o amadorismo não iria longe no futebol. Muitos jogadores recebiam gratificações e bonificações para jogar, o que foi posteriormente conhecido popularmente como “bicho”.

O futebol ficou tão grande e massificado no Brasil que o amadorismo rapidamente se tornou inviável. Havia casos de jogadores que eram prometidos pagamentos pelas suas atuações mas que, devido a falta de legislação e da profissionalização, não eram cumpridas, bem como casos de jogadores que simplesmente trocavam de clube sem satisfações devido às condições financeiras de um time em detrimento de outro. Isso tudo somente denunciava o falso amadorismo que imperava na época, trazendo à tona a eminente profissionalização do esporte. Em janeiro de 1933, três anos após a primeira Copa do Mundo de futebol masculina, o futebol carioca se torna profissional, sendo o passo necessário para a profissionalização geral do esporte. A partir daí, começa a história moderna do desporto no Brasil.

3.2. HISTÓRIA DAS MULHERES NO FUTEBOL

Segundo a Federação Internacional de Futebol (FIFA), a primeira partida entre mulheres se deu em 1895, numa disputa entre as equipes do norte e do sul da cidade de Crouch End, Inglaterra. O documento mais conhecido sobre os inícios do futebol feminino remonta a 1894 quando Nettie Honeyball, uma ativista dos direitos da mulher, fundou o primeiro clube desportivo britânico chamado Ladies Football Club. Ela pretendia demonstrar que as mulheres poderiam alcançar a emancipação e ter um lugar importante na sociedade por meio do futebol e o evento foi apoiado por Lady Florence Dixie, parte da aristocracia escocesa, feminista e grande financiadora do jogo em questão. O norte sagrou-se vencedor por um placar de 7x1 (NUNES 2022). Havia a presença de cerca de 10 mil pessoas para assistir a essa partida que, para o público em geral, era algo diferente, exótico, um verdadeiro espetáculo, sendo essa curiosidade que motivou parte dele a ir assistir ao jogo.

O Ladies Football Club teve apenas dois anos de existência, devido a falta de apoio e patrocínios e, principalmente, o preconceito da sociedade. Em 1902, a Football Association, associação pioneira do futebol, como supracitado, proibiu que houvesse jogos com a presença de mulheres jogando. O veto caiu na Primeira Guerra Mundial, período em que os homens foram para combate e não puderam continuar a prática do esporte. Muitas fábricas formaram times femininos de futebol, privilégio masculino até então. O futebol feminino foi apoiado pelo governo na época, pois se tornou um negócio rentável num cenário em que os campeonatos masculinos estavam parados e em que o público começou a se interessar pelas partidas das mulheres. O time mais exitoso dessa época foi o Dick, Kerr's Ladies F.C, que dominou em seu período áureo. Uma partida em específico chegou a ter 53 mil presentes vendo o time jogar contra o St' Helens Ladies.

Em 1921, após a volta das competições masculinas, o futebol feminino foi visto mais como uma ameaça do que como um aliado e a modalidade foi, mais uma vez, proibida de tomar lugar nos campos da Football Association, proibição que levou 50 anos para ser vetada. Em 1972, houve a primeira partida oficial entre seleções femininas. A partida entre Inglaterra e Escócia foi realizada, coincidentemente, 100 anos depois da primeira partida oficial entre seleções masculinas.

No Brasil, os primeiros registros da modalidade aconteceram na década de 1920, ainda de forma muito tímida, pois o esporte feminino ainda era visto como um show ou performance. Os circos eram locais que divulgavam as partidas entre as mulheres, fato que evidenciava a forma como o esporte era visto e o cenário pouco mudou até a década de 1940. As partidas eram disputadas longe das grandes ligas e clubes, pois a prática de futebol era vista como ideal somente para homens por ser considerada violenta demais. O cenário ameaçou mudar nessa década com alguns jogos femininos acontecendo no Pacaembu de forma mais oficial e trazendo um pouco mais

de público para modalidade, porém, ao invés de fomentar a prática, essa visibilidade gerou revolta em parte da sociedade. As notícias sobre mulheres jogando futebol provocaram esforços da opinião pública e das autoridades da época para a proibição, fato que não demorou para acontecer.

A primeira proibição ocorreu através de um processo de regulamentação do esporte no Brasil. Criou-se o CND (Conselho Nacional de Desportos), na época sob a alçada do Ministério da Educação. O texto não citava nominalmente o futebol, mas o desporto estava incluído nas proibições direcionadas ao público feminino. A prática era, ainda, clandestinamente praticada, mas, em 1965, já no contexto da Ditadura Militar, o Decreto-Lei foi republicado. O artigo 54 do decreto-lei 3199 dizia: “Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” (BRASIL, 1941). Apenas no ano de 1979 que foi revogado o Decreto-Lei que proibia a prática esportiva das mulheres.

Porém, o panorama ainda não havia mudado. O esporte ainda sofria muito preconceito e recebia pouco ou nenhum incentivo governamental ou da esfera privada (coisa que, na ótica dos dias atuais e em comparação ao futebol masculino, ainda acontece) e a modalidade ainda não havia sido regulamentada. Apenas em 1983 foi oficialmente regulamentada e, somente devido a isso, foi permitido que se pudesse competir, planejar jogos, utilizar estádios e ensinar nas escolas

Essas breves histórias sobre o futebol, tanto masculino quanto feminino, evidenciam os diferentes obstáculos que tiveram que superar para chegar onde estão, com evidente maior dificuldade para a modalidade feminina, que ainda hoje é muito inferior à masculina no que diz respeito ao investimento e presença na sociedade.

3.3. DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Com a regulamentação do esporte em 1983, calendários de jogos, competições e treinamento em escolas passaram a existir. Dois clubes de futebol feminino ganharam destaque durante essa época, o Esporte Clube Radar, de Copacabana, Rio de Janeiro, e o SAAD, de São Caetano do Sul, São Paulo. Concomitantemente, a FIFA lançava o Women's Invitational Tournament, torneio experimental de futebol feminino em que o Brasil participou e ficou em terceiro lugar, trazendo a medalha de bronze. Porém, nesse campeonato já era evidenciada a diferença entre os tratamentos das equipes femininas e masculinas e as dificuldades enfrentadas por elas. As atletas não tiveram roupas confeccionadas para a delegação, tendo que utilizar as sobras de roupas da equipe masculina.

A competição serviu para que a FIFA avaliasse se a modalidade atrairia público e patrocínios. O torneio foi um sucesso e, assim, a entidade máxima do futebol instituiu a primeira

Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 1991. A equipe do Estados Unidos foi campeã da competição – atualmente possui quatro títulos de Copa do Mundo na modalidade. Esse êxito pode ser explicado por uma lei do país que determinava que todas as instituições de ensino superior aplicassem um investimento mínimo de 40% nos esportes femininos e um máximo de 60% para os esportes masculinos.

A United States Soccer, com o intuito de despertar o interesse das meninas pelo futebol, elaborou um plano para identificar jovens talentos, entre os anos de 1991 a 2011. Nesse período, a seleção dos Estados Unidos ganhou dois mundiais da FIFA, além das conquistas das Olimpíadas nos anos de 1996, 2004 e 2008 (NUNES, 2022). O Brasil, conhecido como “país do futebol”, no ano em que essa lei foi passada nos EUA, tinha a prática do futebol feminino proibida em território nacional, que já durava quase 30 anos e ainda duraria mais 10. A Confederação Brasileira de Futebol somente assumiu a responsabilidade pela seleção brasileira em 1990, um ano antes do primeiro mundial oficial da FIFA.

Avançando um pouco no tempo, já no ano de 2009, o Santos, um dos times de futebol feminino mais vitoriosos do país, venceu a Copa Libertadores numa campanha de 100% de aproveitamento e com incríveis 43 gols marcados em seis jogos. Uma das maiores ou, discutivelmente, a maior jogadora da história do futebol feminino, Marta jogava na equipe, acompanhada por grandes nomes da modalidades, como Cristiane e Thaisinha. Em função do título, houve uma maior atração nas meninas para jogarem futebol, principalmente na cidade de Santos. Em 2010, com 1500 meninas, das quais 1128 participaram em uma disputa por apenas 10 vagas. Mas o que seria uma trajetória que estabeleceria um clube no cenário nacional – se fosse com um time masculino –, surpreendentemente, com o Santos feminino, não foi dessa forma.

Somente dois anos após ter vencido o principal torneio de clubes do continente, o clube fechou o departamento de futebol feminino e encerrou suas atividades, alegando dificuldades financeiras e impossibilidade de conseguir apoio e patrocínios. Coincidentemente, na mesma época a equipe lutava para manter Neymar em seu elenco masculino, então em ascensão, vivendo um dos seus auge e na iminência de perder o atleta pelas investidas do Barcelona, clube espanhol. O departamento de futebol feminino do Santos, só viria a ser retomado em abril de 2015 e permanece funcionando até hoje, provavelmente em função da determinação da CBF para que todos os clubes que disputam a série A do brasileiro criassem ou mantivessem a modalidade feminina de futebol. Em 2019, a CBF determinou essa exigência de que todos os times da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino tenham equipes femininas estruturadas. Essa determinação, passo importante para a modalidade, foi uma medida elogiada pelas atletas e por quem trabalha no esporte, mas que aconteceu de forma tardia.

Ilustrando a discrepância entre o futebol masculino e feminino em números:

- A ONU revelou em 2019 que a estrela do futebol masculino Lionel Messi, por exemplo, recebeu um salário maior do que o das 1.693 jogadoras das 7 principais ligas femininas juntas.
- A FIFA ofereceu US\$ 400 milhões em prêmios para a Copa do Mundo de 2018 na Rússia, enquanto a Copa do Mundo Feminina de 2019 na França ofereceu US \$30 milhões.
- Em 2017, o IBGE revelou que as mulheres receberam o equivalente a 60% dos salários dos homens.
- Das 108 matérias veiculadas no jornal Folha de S. Paulo nos períodos entre 8 de setembro e 8 de outubro de 2019 e 8 de setembro e 8 de outubro de 2021, 95 matérias são voltadas ao futebol masculino e apenas 13 ao futebol feminino. Foi observado que, durante esse período, o futebol masculino era noticiado diariamente e as notícias eram sobre o cotidiano dos clubes, os resultados esportivos e a preparação dos clubes, ao passo que o futebol feminino só tinha espaço com notícias muito importantes ou fatos inusitados, por exemplo a vitória do Flamengo em cima do Grêmio no campeonato carioca de 2019 por incríveis 56 a 0 (VIVI, 2021)
- Em 2021, o Atlético-MG faturou R\$33 milhões pelo título masculino, enquanto o Corinthians levou R\$290 mil pelo título feminino.
- A atleta do futebol feminino mais bem paga do mundo é a norte-americana Carli Lloyd é a jogadora mais bem paga do mundo, recebendo US \$518.000 anuais. O futebolista masculino mais bem pago do mundo é o português Cristiano Ronaldo que recebe US \$136.000.000 anuais.
- A janela de transferências de verão de 2019 (1 de junho a 2 de setembro) das ligas da Inglaterra, França, Espanha, Itália e Alemanha, conhecido como “Big 5” das ligas europeias, movimentou aproximadamente US \$4.380.000.000 (cerca de 4,4 bilhões de dólares), ao passo que o ano inteiro de 2019 no futebol feminino, somando todas as 221 federações ligadas à FIFA, movimentou US \$652.032 (cerca de 650 mil dólares), valor que representa aproximadamente 0,000149% do valor movimentado pelo Big 5 em três meses.

O aspecto econômico e financeiro do futebol feminino, especialmente se comparado às cifras do masculino, sem dúvida é o que mais chama atenção. Um estudo realizado pela Federação Internacional de Futebolistas Profissionais, organização que representa os atletas e as atletas profissionais do do esporte, em 2017, evidencia as condições de trabalho das jogadoras. Pesquisando a realidade de 3600 atletas, se notou que somente 53% dessas tinham contratos vigentes com seus clubes, enquanto os 47% restantes não possuíam, sequer, um único documento que comprovasse o vínculo com as instituições. Ainda na pesquisa, 33% das atletas responderam que são obrigadas a terem outro trabalho para sustentar seus gastos.

Conforme os estudos feitos para elaboração deste memorial e os dados supracitados, o esporte sempre esteve distante das mulheres no mundo. Desde a criação, as modalidades esportivas, em especial o futebol, foram pensadas e estruturadas por e para homens, com a mulher sempre sendo retirada das suas práticas e sendo incluída, somente, em situações que fugiam do controle da sociedade patriarcal vigente, sendo proibidas assim que elas representavam alguma ameaça ao conservadorismo presente na população.

O preconceito não para só nas mulheres que praticam o esporte como atletas, mas incentiva a discriminação contra jornalistas esportivas, torcedoras e árbitras. “Mulher não tem que estar envolvida com o futebol”, mencionou a narradora da Rede Globo Renata Silveira como um dos comentários que já recebeu durante a sua trajetória. O preconceito é latente: a revista EFDeportes pontuou que 100% das jogadoras entrevistadas relataram presenciar algum tipo de preconceito. Diversos são os espaços em que o futebol feminino é diminuído e subjugado em relação ao masculino e ainda são frequentes as frases de que futebol é esporte de homem e a palavra “moça” é muito utilizada para descredibilizar e diminuir os atletas masculinos.

Um dos recorrentes debates se dá na concepção do jogo. A ideia de que aspectos do jogo feminino devem ser adaptados para uma melhor prática do desporto, por exemplo, a diminuição das dimensões das traves e do campo, peso da bola, tempo de jogo, entre outros. Essas propostas excluem a história na qual o jogo está inserido. Desde as regras da Universidade de Cambridge, nos primórdios do esporte, as mulheres eram excluídas, pois em 1848, ano em que as regras foram estabelecidas, as mulheres sequer podiam entrar na faculdade. A parcela feminina da população é impedida de praticar os esportes, enfrentando as opressões do patriarcado, proibições recorrentes no Brasil e no mundo e a falta de investimento e apoio das empresas e governos.

3.4. O FUTEBOL FEMININO E A MÍDIA BRASILEIRA

No Brasil, o futebol é o esporte mais praticado do país, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2015. Segundo os números coletados, 39,3% dos 38,8 milhões de praticantes de algum esporte no país eram ativos na modalidade. Um ponto importante a se destacar na pesquisa é que o futebol é o esporte mais praticado pelos homens – 94,5% dos entrevistados afirmaram praticá-lo. Por outro lado, no que diz respeito às mulheres, a modalidade não estava nem entre as quatro mais praticadas. Isso leva a reflexões acerca de como o futebol feminino é visto, tratado e incentivado no Brasil, que carrega o título de “país do futebol”.

Quando se trata de futebol feminino (FF) no Brasil, no levantamento de um estado da arte, estudos apontam que há um "reclame" por atenção e apoio da sociedade - principalmente por meio da mídia -, por parte de atletas e outros atores sociais do esporte vinculados a essa prática (SANTOS, 2012).

A aparição do futebol feminino na mídia tem aumentado ao longo dos últimos anos, mas é ainda bem baixa, principalmente se comparada a proporção de exibição que os veículos se dedicam ao masculino. O espaço ao futebol feminino na mídia, possivelmente, foi ampliado com o início da obrigatoriedade do regulamento da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), em 2019. (MAZO, BALARDIN, BATAGLION, 2020). No mesmo ano, também, ocorreu a Copa do Mundo de Futebol Feminino na França, que trouxe grande impacto para a modalidade. Foi a primeira vez na história que a competição foi transmitida na TV aberta brasileira e, segundo a Fifa, 19,9 milhões de brasileiros assistiram à final entre Estados Unidos e Holanda – os dados incluíram apenas as transmissões na Globo e no SporTV, porém a TV Bandeirantes também transmitiu a decisão.

Fatos como esses, foram propulsores para discursos em prol de um fortalecimento do futebol feminino em termos organizacionais, sobretudo, em relação à profissionalização das atletas (SANTOS, 2012). Além disso, para MAZO, BALARDIN, BATAGLIO (2020), televisonar competições da modalidade são, de certa forma, um caminho para sua popularização, já que ganha mais atenção do público. Além disso, as autoras dizem que essa percepção da audiência acontece se primeiramente existir interesse na modalidade. Números como o da audiência da Copa comprovam que sim, existe essa demanda no país. Elas ainda reiteram que o baixo interesse de emissoras de televisão na compra dos direitos de imagem dos jogos das ligas nacionais e o número de patrocínios que os clubes femininos recebem, interferem diretamente na mídia e sua cobertura. Consequentemente, no que concerne à mídia esportiva, são também efêmeros os espaços conferidos às competições de futebol feminino no nível nacional e/ou internacional. (SANTOS, 2012).

Apesar do avanço nas transmissões, muitas vezes se vê reproduções de falas machistas e sexistas ao referenciar as mulheres em campo. Na análise feita por SANTOS (2012) das partidas da primeira edição da Copa Libertadores da América de Futebol Feminino (CLF) no ano de 2009, a autora percebeu durante as transmissões uma supervalorização do mercado futebolístico masculino, em contrapartida com a subvalorização do feminino, além da mudança do foco da partida em si para outras questões, como a aparência das jogadoras.

Percebemos que, neste momento de visibilidade do FF, houve um processo de deslocamento na transmissão televisiva (a partir de seu narrador e comentaristas), dos aspectos técnicos e táticos do jogo, para a ênfase na dimensão estética (SANTOS, 2012, p....).

Dessa forma, as práticas esportivas e as qualidades técnicas das mulheres são colocadas de lado, assim como acontece em outros âmbitos de suas vidas. Ainda hoje o sexo feminino tem que buscar a igualdade de gênero nos mais diversos âmbitos sociais, e no esporte não é diferente.

Assim, é preciso atentar para o fato de que a ressignificação das narrativas do futebol feminino não deve se restringir aos meios de comunicação. Perpassa diferentes instâncias sócio-políticas e culturais para as quais ações peculiares devem ser mobilizadas. (SANTOS, 2012).

3.5. ORIGEM DO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO E PRIMEIROS PASSOS DO SEU FUTEBOL FEMININO

O Clube Atlético Mineiro é uma tradicional agremiação esportiva centenária do futebol brasileiro. Fundado em 25 de março de 1908 por estudantes em um coreto do Parque Municipal de Belo Horizonte, o Atlético Mineiro se tornou um dos clubes mais populares do Brasil. Em 1997, foi criado o “Centro Atleticano de Memória”, um Centro focado em desempenhar “trabalhos como coleta, restauração, catalogação, identificação e digitalização do acervo histórico” do clube. Por meio dele, criou-se o “Galo Digital”, um site que é a enciclopédia do Centro Atleticano de Memória e será utilizado para explanar melhor a história do time mineiro.

Durante o seu primeiro ano de fundação, existia apenas o futebol masculino e não houveram jogos contra outros clubes, então as atividades eram resumidas em treinos. A primeira partida aconteceu apenas em 21 de março de 1909, contra o Sport Club e o Atlético saiu vencedor do confronto com um placar de 3x0. O primeiro campeonato disputado foi a “Taça Bueno Brandão”, apenas em 1914 e no qual foi campeão invicto. A partir de então, o clube foi crescendo e se estabelecendo rapidamente como “time do povo”, já que ao contrário dos outros clubes que existiam na época, não restringia a participação dos seus associados.

Ao longo dos anos, pouco ou nada se falava sobre a criação do futebol feminino no clube mineiro. O “Galo” – como começou a ser chamado por causa do seu mascote –, deu os primeiros passos rumo a criação da categoria apenas quando a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), em acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), passaram a exigir que as equipes sul-americanas deveriam ter uma equipe de futebol feminino principal e, pelo menos uma categoria juvenil feminina ou deveriam estar associados a uma equipe que as tenham (CONMEBOL, 2018) para que pudessem disputar tanto a Série A do campeonato nacional, quanto os campeonatos do continente – a Copa Libertadores e a Copa Sul-Americana. Essa medida surgiu como uma tentativa de incentivar e estabilizar o futebol feminino.

O documento se adequa ao artigo 23 do estatuto da Federação Internacional de Futebol (FIFA), que obriga às confederações a ter medidas de governança que incluem, dentre outros itens, controle antidopagem, neutralidade política e religiosa e, principalmente, a incorporação de artigos que preveem a igualdade de gênero (MAZO; BALARDIN; BATAGLION, 2020, p.64).

Sendo assim, no fim do ano de 2018, o Atlético anunciou uma parceria com o Prontier Futebol Clube, uma equipe de futebol feminino que ficava localizada ao sul de Belo Horizonte e que tinha a modalidade desde 1997. Nesta união, um dos modelos permitidos tanto pela CBF quanto pela Conmebol, o Galo iria absorver a equipe existente, oferecendo estrutura, bolsas para incentivo, registro profissional, orientação nutricional, convênio com academia, metodologia de treinamento, materiais esportivos, entre outros benefícios.

Em 2019, o primeiro ano como profissional, as Vingadoras – como passou a ser conhecido o time feminino do Atlético-MG – conseguiram conquistar o primeiro campeonato que participaram, a Copa BH. O ano, no geral, foi de mudanças e evoluções na perspectiva do Clube, já que foi a primeira experiência com a modalidade. Desde então, a categoria tem sido mais respeitada e tem evoluído para o pouco tempo de criação. Contudo, nem se compara com a estrutura na qual o futebol masculino tem.

Todas as informações acima estão no site oficial do clube e devidamente referenciadas no final deste Memorial.

3.6. AMÉRICA FUTEBOL CLUBE E SEU FUTEBOL FEMININO

O América Futebol Clube, sediado em Belo Horizonte, Minas Gerais, é uma instituição que teve uma trajetória notável no cenário esportivo brasileiro. Fundado em 30 de abril de 1912 por um grupo de estudantes do antigo colégio “Gymnasium Anglo-Mineiro”. O clube emergiu como uma resposta ao crescente interesse pelo futebol na capital mineira. Com suas cores tradicionais verde e branco, o América construiu uma base sólida de torcedores apaixonados ao longo dos anos.

O início do América foi marcado por participações em competições locais, mas rapidamente se destacou no cenário nacional. Em 1916, conquistou seu primeiro título estadual, marcando o início de uma série de vitórias que solidificaram sua posição como um dos clubes mais respeitados de Minas Gerais. O América conquistou nada menos do que dez campeonatos mineiros consecutivos anualmente depois desse ano, um recorde mundial de títulos em sequência, jamais superado por nenhum outro clube de futebol no mundo. A façanha até rendeu ao clube uma menção honrosa no “Guinness Book”, o livro dos recordes, como a primeira agremiação da história do esporte mundial a conquistar a mesma competição por dez vezes seguidas. A superioridade americana era tão evidente, que sete dos dez títulos da série foram conquistados de forma invicta. O América perdeu apenas quatro partidas do Campeonato Mineiro durante os 10 anos de hegemonia e conquistou nada menos que 23 vitórias consecutivas (sendo apenas uma por W.O) entre 1916 e 1919, que permanece sendo um recorde de vitórias seguidas na competição até hoje. Além disso, o América ficou 5 anos e 36 jogos invicto entre 1916 e 1921.

O futebol mineiro viveu anos de turbulência durante a primeira metade da década de 1930, ao ponto dos principais clubes mineiros se dividirem em duas ligas distintas entre 1931 e 1932. Apenas um ano depois do cessar-fogo, o profissionalismo foi instaurado no futebol brasileiro, gerando ainda mais tensão. Após quase 10 anos de protestos, o América finalmente abandonou o vermelho e retomou suas cores originais em 1943. Foi uma maneira simbólica de anunciar que, depois de muita resistência, o clube estava determinado a se conformar e competir no futebol profissional.

A década de 1970 foi especialmente notável para o América, quando o clube alcançou sua melhor fase. Participando ativamente do Campeonato Brasileiro, o time alcançou posições notáveis e construiu uma reputação como um clube nacional. A habilidade técnica, combinada com a paixão de seus torcedores, fez do América uma presença constante e respeitada no futebol brasileiro.

No entanto, como muitos clubes, o América também enfrentou desafios ao longo dos anos. Flutuações financeiras e mudanças na gestão esportiva influenciaram o desempenho do clube em diferentes momentos. O América viveu um período de franco declínio entre 2003 e 2008. Endividado em função de algumas contratações de impacto e salários atrasados durante um passado recente, o clube teve que apostar quase todas suas fichas nas categorias de base entre 2003 e 2004, caracterizada por títulos e grandes revelações durante a década de 1990 e 2000.

Dessa forma, o Coelho foi a equipe de menor média de idade durante os Campeonatos Brasileiros da Série B de 2003 e 2004, com o elenco com média de idade de menos de 24 anos. Entre os titulares, apenas a defesa não havia sido formada no próprio clube. Para se ter uma ideia, o orçamento salarial do elenco naquele ano não passava dos 100 mil reais.

A temporada de 2007 é considerada por muitos americanos a pior da história do clube, já que marcou a primeira e única vez que o América foi rebaixado no Campeonato Mineiro em toda história. Com o vexatório resultado, o Coelho deixou de ser a única equipe de Minas Gerais a ter disputado todos os Campeonatos Estaduais já realizados, uma honraria que era muito especial para o clube.

O rebaixamento também determinou a desqualificação do América para a disputa de qualquer campeonato nacional na temporada, já que as vagas para a Copa do Brasil e para a Terceira Divisão do Campeonato Brasileiro eram definidas a partir das colocações nos Estaduais.

Esses sucessos iniciais pavimentaram o caminho para o reconhecimento nacional e participações em competições de âmbito nacional.

Já o futebol feminino no América Futebol Clube tem uma história rica e evolutiva que reflete o crescimento e reconhecimento do esporte entre as mulheres no Brasil. Embora o futebol feminino tenha enfrentado desafios significativos no país ao longo das décadas, o América demonstrou um compromisso persistente em promover e desenvolver o esporte entre as mulheres.

O início do futebol feminino no América remonta à década de 1980, quando movimentos sociais e mudanças culturais começaram a quebrar as barreiras que limitavam a participação das mulheres no esporte. O clube, alinhado com a visão de inclusão e igualdade, abraçou a ideia de formar uma equipe feminina, contribuindo para a quebra de estereótipos de gênero no esporte.

O América Futebol Clube se tornou pioneiro ao participar ativamente de competições estaduais e nacionais de futebol feminino. As jogadoras do América conquistaram não apenas vitórias em campo, mas também desempenharam um papel importante na promoção da visibilidade e respeito pelo futebol feminino no Brasil.

Durante os anos 1990, o futebol feminino ganhou reconhecimento nacional e internacional. O América, comprometido em oferecer oportunidades para talentos emergentes, fortaleceu suas categorias de base femininas. Isso resultou em uma produção constante de jogadoras talentosas que não apenas representaram o clube, mas também contribuíram para a seleção brasileira, levando o nome do América além das fronteiras estaduais.

No entanto, o futebol feminino ainda enfrentou desafios estruturais, incluindo falta de investimento e visibilidade limitada em comparação com o futebol masculino. O América, reconhecendo essas disparidades, continuou a advogar pela igualdade no esporte e a investir na formação de jovens atletas femininas.

Com o século XXI, o futebol feminino experimentou um renascimento notável, impulsionado pelo aumento do interesse global e pela demanda por equidade. O América, alinhado com essas mudanças, expandiu seus programas de desenvolvimento, proporcionando mais oportunidades para jovens talentos femininos. A visibilidade do futebol feminino cresceu, e as jogadoras do América se tornaram modelos para as gerações mais jovens, inspirando futuras atletas a seguirem seus passos. A equipe é tricampeã mineira e tricampeã da Copa BH de Futebol Feminino nos anos de 2016, 2017 e 2018.

Em conclusão, a história do América Futebol Clube e seu compromisso com o futebol feminino ilustra não apenas a evolução do esporte em Minas Gerais, mas também a importância de quebrar barreiras de gênero no mundo do futebol. O clube desempenhou um papel crucial no desenvolvimento e promoção do futebol feminino, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária no cenário esportivo brasileiro.

Todas as informações acima estão no site Acervo do Coelho e estão devidamente referenciadas no final deste documento.

3.7. SÉRIES DE REPORTAGEM

A reportagem no jornalismo é um tipo de matéria extensa e aprofundada que busca investigar, analisar e apresentar informações detalhadas sobre um determinado assunto. Esse formato de reportagem vai além das notícias diárias e procura oferecer uma visão mais completa e contextualizada de um tema específico.

De acordo com Medina (MEDINA, 1988, p.80), a reportagem alinear possui quatro características:

- Ampliação das informações imediatas;
- Individualização de um fato social por meio de perfis representativos;
- Ampliação do fato imediato no seu contexto;
- O rumo da reconstituição histórica do fato.

A história das reportagens no jornalismo remonta a um período em que a imprensa começou a evoluir para além das simples notícias do dia a dia, desde o jornalismo investigativo no século XIX. Um exemplo notável é o jornalista britânico William Thomas Stead, que em 1885 publicou uma série de reportagens no Pall Mall Gazette sobre o tráfico de mulheres para a prostituição, conhecido como "O Caso Eliza Armstrong". Sua abordagem influenciou o desenvolvimento do jornalismo investigativo.

No início do século XX, o jornalismo nos Estados Unidos passou por uma "Era de Ouro", com jornais como o New York World e o New York Times conduzindo investigações profundas, passando por casos marcantes, como o caso Watergate nos anos 70, que culminou na renúncia do então presidente dos Estados Unidos da América Richard Nixon. Ao longo do século, surgiram várias revistas especializadas e dedicadas à investigação no jornalismo.

O formato foi migrando do formato impresso para a televisão ao longo da modernização. Os anos 80 testemunharam um aumento significativo nos programas dedicados à investigação, como "20/20" e "Dateline NBC". Esses programas frequentemente apresentavam reportagens extensas sobre questões sociais, políticas e culturais. No Brasil, principalmente no âmbito esportivo, o Esporte Espetacular, programa da Rede Globo, traz um formato de reportagem que padronizou bastante a forma de se contar histórias e documentar assuntos que fazem parte do mundo esportivo, principalmente no futebol.

Já em relação ao formato de Série de Reportagens em si, se trata de uma forma de jornalismo que envolve a produção e publicação de várias reportagens interligadas sobre um tema específico ao longo de um período de tempo. Ao contrário de uma única reportagem, uma série tem a intenção de explorar um assunto mais aprofundadamente, oferecendo uma visão mais abrangente e detalhada.

Essas séries podem ser encontradas em diversos meios de comunicação, como jornais, revistas, programas de televisão, rádio e plataformas online. O objetivo principal é proporcionar uma cobertura mais completa de um tópico complexo ou em evolução, permitindo que os jornalistas investiguem diferentes aspectos e nuances ao longo do tempo.

As séries de reportagens geralmente começam com uma reportagem principal, que pode servir como introdução ao tema, seguida por reportagens subsequentes que aprofundam diferentes aspectos, apresentam perspectivas diversas e fornecem informações adicionais. Essa abordagem permite que os jornalistas forneçam uma narrativa mais completa e contextualizada sobre um assunto específico, contribuindo para uma compreensão mais ampla por parte do público.

4. RELATÓRIO TÉCNICO

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A escolha do tema “futebol feminino mineiro” e de um produto audiovisual – que seria até então um documentário – partiu do interesse ao longo da graduação em ambas as áreas. Tanto em projetos de extensão quanto na vida pessoal, a trajetória sempre esteve ligada de alguma forma ao esporte. Sendo assim, a etapa inicial dessa fase foi marcada por pesquisas dos mais variados tipos. Primeiramente ocorreu a busca de referenciais teóricos para que o trabalho fosse direcionado e o recorte exato decidido, já que até então o tema era muito amplo.

Em seguida, iniciou-se a busca por materiais do futebol feminino brasileiro, do Atlético-MG e do América/MG. Ao conhecer melhor os times e entender melhor a sua dinâmica, foram decididas as fontes que seriam as personagens do produto e que iriam participar mais ativamente das gravações. A ideia aqui é trazer o recorte de quem atua na modalidade ativamente e utilizar do jornalismo para que essas pessoas possam contar como é a sua realidade no mundo do esporte e, conseqüentemente, trazer reflexões acerca das realidades vividas.

Nesse momento, também foi necessário pensar no planejamento e logística de gravações, uma vez que iriam acontecer em Belo Horizonte e de forma que não fosse ter conflito com o calendário de jogos do time. Ademais, o roteiro das entrevistas foi elaborado, além de definir quais equipamentos seriam necessários tanto para as gravações quanto para a edição.

Inicialmente pensou-se em entrevistas com uma jogadora de cada grande clube de Minas: Cruzeiro, Atlético e América. Após várias tentativas não conseguimos acesso às jogadoras cruzeirenses, mas conseguimos entrevistas com jogadoras do Atlético e do América.

4.2 PRODUÇÃO

Começamos a etapa de produção fazendo o contato com as fontes que havíamos identificado como as jogadoras principais, que nos forneceriam informações que mais tivessem contato com a nossa angulação. Conversamos com as atletas que responderam, mostraram interesse inicial e que as assessorias dos referidos clubes foram as liberando. Marcadas as datas para realização das entrevistas, nos organizamos para irmos até Belo Horizonte, na qual fomos prometidos pela assessoria do clube que gravaríamos com quatro atletas do América e quatro atletas do Atlético Mineiro. Nesse meio tempo, fomos até a cidade de Visconde do Rio Branco/MG, na qual gravamos algumas imagens do jogo Nacional VRB X América, válido pela 2º Rodada do Campeonato Mineiro de Futebol Feminino, no dia 30 de setembro, e conversamos com algumas atletas, para que pudéssemos confirmar o interesse de algumas jogadoras e tentar conversar com a parte responsável da Comunicação do clube, oportunidade na qual obtivemos certo sucesso.

No dia 16 de outubro, viajamos para a capital para gravar as entrevistas que fomos prometidos, mas fomos surpreendidos quando fizemos contato. As quatro entrevistas mais a captação de imagens de um amistoso do América, com a possibilidade de conseguirmos conversar com algumas das jogadoras pós jogo se transformou em apenas uma entrevista com somente uma atleta, Letícia Oliveira, e sem a permissão para fazermos imagens do jogo delas. Isso atrapalhou bastante nossa angulação, dado o fato de que já estávamos sem tempo para readaptar nosso trabalho. As quatro entrevistas dentro da Arena MRV, que havia sido prometido a nós pelo staff do Clube Atlético Mineiro haviam se transformado em somente duas entrevistas curtas com as atletas Katiele e Iara, dentro do vestiário do estádio. Porém, o arquivo referente à entrevista de Iara acabou ficando sem som, devido a um problema com a lapela. No final, conseguimos fazer apenas duas entrevistas e sem a possibilidade de emendar muitos offs ou imagens para complementar o produto final. Mesmo tentando contato com os clubes para refazer algumas entrevistas ou outras oportunidades para conseguirmos mais conteúdo, não obtivemos respostas afirmativas. Ambos os clubes alegaram problemas burocráticos e de controle esportivo do planejamento deles para nos negar oportunidades de entrevistas.

Por problemas técnicos no áudio de uma das câmeras perdemos uma das entrevistas com a jogadora do Atlético. Mas conseguimos as entrevistas com uma jogadora do Atlético e uma jogadora do América. Diante do problema técnico, cogitamos entrevistar uma jogadora do time do Nacional de Rio Branco, mas não conseguimos contato com elas até antes da entrega do TCC.

Em relação à realização das entrevistas, tivemos que fazê-las sob constantes olhares e controle dos clubes, por intermédio de suas assessorias. Um dos exemplos foi na entrevista da Letícia, na qual a assessora de comunicação do América interrompeu a resposta da atleta para a corrigir sobre uma fala, dizendo que ela não deveria se referir ao clube como “América Mineiro”,

pois eles consideram que o correto é somente América. Esse cenário nos fez pensar que, talvez, as respostas das atletas não foram totalmente autênticas e sinceras, já que estavam sob constante vigia das assessorias. Da mesma forma, na entrevista com as atletas atleticanas tinham várias pessoas atrás das câmeras ouvindo tudo e, inclusive, pedindo que fosse uma entrevista mais rápida.

Lamentamos que o produto “Futebol Feminino”, que é consenso entre as federações e clubes que precisa de mais investimento e atenção, tenha sido tão barrado pelas diretorias dos grandes clubes para o nosso projeto.

O Departamento de Comunicação Social da UFV nos auxiliou com o empréstimo de equipamentos como câmera, tripé e lapela para a produção do Documentário.

4.3 PÓS-PRODUÇÃO

Nesse momento, tivemos mais dificuldades devido alguns fatores:

- Devido às dificuldades que tivemos com os clubes para fazermos as entrevistas e as gravações, ficamos com conteúdo um pouco escasso em relação a nossa angulação, fato esse que nos obrigou a adaptar nosso produto final;
- O pouco tempo que tivemos para nos dedicar ao TCC devido a outras disciplinas matriculadas aqui na UFV e que demandaram bastante tempo, como por exemplo a matéria de Narrativas III, que obrigou Pedro Henrique a, junto ao TCC, escrever um livro de, no mínimo, 7000 palavras e algumas outras disciplinas de fora do Departamento que demandou a realização de provas e trabalhos semanais;
- Dificuldades relacionadas ao equipamento nosso para fazer a edição. Nossos computadores sofreram bastante para que a edição progredisse. O computador disponibilizado pelo DCM havia problemas com o som, não permitindo que a edição fosse realizada lá

A edição ficou aquém do que queríamos entregar, mas corremos contra essas inconveniências para entregar um produto que fosse digno de ser avaliado pela banca e que passasse a mensagem que queríamos lá no começo, quando decidimos que nosso tema seria Futebol Feminino em Minas Gerais, pauta que nos interessa, e que, de certa forma, pudéssemos fazer algo que trabalhasse em prol do fomento da modalidade.

Percebemos que, durante o período de edição, nosso produto estava fazendo mais sentido se fosse num formato de Grande Reportagem, devido a forma que construímos a narrativa. O documentário estava ficando muito raso, pois a quantidade de informações que queríamos levantar não estava ficando fluido com o pouco tempo de material bruto, atrelado ao fato de que o formato de Grande Reportagem se enquadra mais em nossas ambições profissionais. A transição do formato

enriqueceu a forma com que passamos as informações, levando com leveza os temas e passando de forma sintetizada os vários temas tratados pelas atletas em entrevistas.

Entretanto, acatamos a sugestão da Banca Examinadora de transformar o produto, finalmente, em uma Série de Reportagens, na qual o produto apresentado seria o primeiro de uma série de 3 episódios falando sobre o futebol feminino. Esse primeiro episódio, que passou pela banca, seria para apresentar a experiência própria das atletas entrevistadas. A série consiste em três episódios, na qual o seguinte é para dar o lado das comissões técnicas, staff e empresários somente atuantes no futebol feminino e o último para conversar com as famílias das atletas, dando a versão delas sobre a carreiras das jogadoras.

No segundo episódio da nossa série, mergulharemos nos bastidores do futebol feminino para desvendar o papel crucial desempenhado pela comissão técnica e pelo staff na construção e no desempenho das equipes. Vamos conhecer os profissionais, em especial as mulheres por trás do sucesso, revelando suas histórias inspiradoras e desafios enfrentados no cenário do futebol. O roteiro contaria com:

- Entrevistas exclusivas com a treinadora principal, assistentes técnicas e demais membros da comissão técnica.
- Destaque para a trajetória profissional de cada integrante e os obstáculos superados no meio do futebol feminino.
- Cobertura dos métodos de treinamento específicos para o futebol feminino.
- Entrevistas com preparadores físicos, psicólogos esportivos e nutricionistas que contribuem para o desenvolvimento integral das atletas.
- Discussão sobre os desafios enfrentados pelas mulheres na comissão técnica em um ambiente historicamente dominado por homens.
- Reflexões sobre como essas profissionais estão quebrando barreiras e abrindo caminho para as gerações futuras.

Como fontes, procuraremos a comissão técnica dos dois clubes e a diretoria responsável pelo futebol feminino. Faremos, também, passagens com informações importantes e artes com dados que contextualizam o assunto.

No último episódio de nossa série, vamos adentrar as histórias pessoais das jogadoras, destacando o papel fundamental de suas famílias em suas jornadas. De sacrifícios a triunfos, exploraremos os familiares, um ingrediente essencial para o sucesso das entrevistadas.

O roteiro contará com:

- Entrevistas com as famílias das jogadoras, explorando suas origens e como a paixão pelo futebol se tornou uma parte fundamental de suas vidas.
- Destaque para momentos-chave que moldaram o interesse das jogadoras pelo esporte.

- Discussão sobre os sacrifícios que as famílias enfrentam para apoiar as aspirações das jogadoras, como mudanças de cidade, horários de treinamento e compromissos financeiros.
- Exploração do suporte emocional fornecido pelas famílias durante altos e baixos na carreira das jogadoras.

Ao destacar as histórias emocionantes e inspiradoras das famílias das jogadoras de futebol feminino, este episódio busca celebrar a importância desses laços e reconhecer o papel crucial que as famílias desempenham no sucesso das atletas dentro e fora do campo. Como fontes, iríamos atrás das famílias das jogadoras, de preferência, as já entrevistadas no episódio apresentado para Banca Examinadora. Traremos passagens que fortalecem o sentimento que as pessoas entrevistadas trazem sobre o que passaram com as atletas.

Tivemos o auxílio de Rafael Borges, técnico do Departamento de Comunicação Social da UFV, para retificar alguns pontos da edição e no polimento de algumas imagens e áudios dos materiais que conseguimos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este Trabalho de Conclusão de Curso, é possível refletir sobre a complexidade da evolução do Futebol Feminino e a importância de apoiar a modalidade, visto que ainda é muito marginalizado se em comparação com o masculino, mesmo que tenha tido uma nítida e cristalina evolução nos âmbitos esportivos, midiáticos e financeiros. Durante esta jornada, realizamos alguns sonhos e pudemos ver que, realmente, exercer profissão no esporte é o que almejamos. Pudemos conversar com atletas de alto nível do primeiro escalão da modalidade no cenário brasileiro.

Os resultados obtidos indicam que o futebol feminino ainda precisa trilhar um caminho longo, vencer alguns preconceitos e conquistar mais espaço na mídia. Através da nossa montagem desta série de reportagens, tentamos evidenciar esses pontos e mostrar o ponto de vista das atletas em relação a diversos pontos relacionados à prática do esporte no Brasil.

É importante reconhecer as limitações inerentes a este trabalho. Para trazer uma visão mais precisa sobre as questões que quisemos levantar nessa produção, era essencial que viajássemos para Belo Horizonte, local que, em Minas Gerais, possui as únicas equipes que têm um trabalho mais longo e as atletas de maior relevância no cenário nacional. Esse fato, sozinho, já era um grande obstáculo que tínhamos que vencer e que, na medida do que foi possível, conseguimos passar por cima. Ainda nesse tópico, acabamos que tivemos que depender de assessorias de clubes que não possuem uma abertura muito grande para mídias no geral e, ainda por cima, nos prometeram um número de materiais que poderíamos produzir e, devido a burocracia e ao momento esportivo das equipes, quando fomos realizar nossas gravações, tivemos um acesso muito limitado, conforme

relatado no tópico de Pós Produção. Essas limitações comprometeram um pouco a montagem do produto, mas fizemos um trabalho que conseguiu passar todas as informações que precisávamos e desejávamos.

A produção dessas reportagens foi desafiadora, porém, extremamente enriquecedora. O processo proporcionou não apenas um aprofundamento no tema, mas também um interesse maior nosso em relação ao futebol feminino e esperamos que, com essa produção, fomente o interesse de cada vez mais pessoas. Agradecemos, além de nossos relatos pessoais no início deste memorial, aos professores, orientador, banca avaliadora e familiares pelo apoio e pela oportunidade de realizar este trabalho.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A história de W.T. Stead, jornalista que 'comprou' menina para mudar lei e morreu no Titanic. **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-61804919>. Acesso em: 3, dez. 2023.

Acervo do Coelho. **América Futebol Clube** Disponível em: <http://acervodocoelho.com.br/> Acesso em: 20 nov. 2023.

BARNOUW, Erik. Documentary - A History of the Non-Fictional Film. Oxford University Press. 1983.

CHARLES MILLER. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Charles_Miller&oldid=65689513>. Acesso em: 14 abr. 2023.

CHIARIONI, Bruno; SACRAMENTO, Igor. **O Repórter na TV: Uma história dos programas de grande reportagem no Brasil**. Pimenta Cultural, 2023.

DA CUNHA VOSER, Rogério; GUIMARÃES, Marcos Giovanni Vieira; RIBEIRO, Everton Rodrigues. **Futebol: história, técnica e treino de goleiro**. Edipucrs, 2010.

Dois lados do mesmo esporte: comparando futebol masculino e feminino. **Pós Estácio** Disponível em: <https://www.posestacio.com.br/dois-lados-do-mesmo-esporte-comparando-futebol-masculino-e-feminino/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. Editora Contexto, 2013.

História do futebol feminino. **Globo Esporte** Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino#content-1983> Acesso em: 10 jul. 2023.

KANESIRO, Marina Hanita. **Mídia e futebol feminino: indiferença e distorções**. 2009. 52 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009.

LOBATO, José Augusto Mendes. **Jornalismo e narrativa em sintonia: um percurso teórico-conceitual pelos elementos da grande reportagem**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 13, n. 2, p. 66-77, 2016.

MCDUGALL, John. The story of Dick, Kerr Ladies: Preston's pioneers of women's football laid modern game foundations. **Lancs Live**. Disponível em: <https://www.lancs.live/sport/football/football-news/preston-womens-football-team-history-2693426>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Mulheres no futebol: entre visibilidade e exclusão. **Portal Jornalismo ESPM**. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/destaque/mulheres-no-futebol-entre-visibilidade-e-exclusao/#:~:text=As%20mulheres%20sempre%20s%C3%A3o%20alvos,que%20desejam%20mostrar%20seu%20potencial>. Acesso em: 11 jul. 2023.

NUNES, Raira Nogueira. **Uma história sobre as desigualdades de gênero no futebol brasileiro: o caso da Jogadora “Formiga”**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2022.

PRADO, Renato Maurício. RMP: Diferença na premiação do futebol masculino e do feminino é absurda. **UOL Esporte**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/03/08/rmp-diferenca-na-premiacao-d-o-futebol-masculino-e-o-feminino-e-absurda.htm>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SALEMI, Victoria. **Boleiras: Histórias de gerações no futebol feminino do Brasil**. 2017. 62 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

TELLES, Gabriella Pereira. **Pais do futebol... Feminino? A (in)visibilidade das mulheres quando nas linhas**. 2005. 56 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

VEDOVE, Rebeca Dalle. **Futebol feminino: Sua história e a busca pela igualdade**. 2021. 35 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2021.

VIVI, Bruno Vinícius. **Futebol Masculino x Futebol Feminino: Um comparativo sobre o tratamento dado pela Folha de S. Paulo para cada gênero**. 2021. 16 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Jornalismo) - Centro Universitário Santa Amélia, Ponta Grossa, 2021.

YORI, Gabriela Hernández. **Las mujeres en el fútbol profesional: la difícil carrera contra la discriminación**. 2018. Tese de Doutorado. Uniandes.

Copa do Mundo feminina supera 1 bilhão em audiência. Placar. Disponível em: <https://placar.com.br/esporte/copa-do-mundo-feminina-supera-1-bilhao-de-audiencia/> Acesso em: 11 jul. 2023.

ZARPELLON MAZO, J.; FERNANDES BALARDIN, G.; ANCESKI BATAGLION, G. **Mulheres no futebol: alterações no regulamento da Conmebol e espaço na mídia televisiva: Women in football: changes in Conmebol regulations and space in the television media**. Caminhos da

História, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 58–73, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2626>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SANTOS, Doiara. **O futebol feminino do discurso televisivo**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Brasília, v. 34, n. 1, p. 185-196, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/MQDJ49QV6BxqRDjwzVtKxZh/#>. Acesso em: 11 jul. 2023

HISTÓRIA. In: Galo Digital, 2023. Disponível em: <https://www.galodigital.com.br/enciclopedia/Categoria:Hist%C3%B3ria>. Acesso em: 10 jul. 2023

Evolução marca 2019 do Galo Futebol Feminino. Atlético. Disponível em: <https://atletico.com.br/evolucao-marca-2019-do-galo-futebol-feminino/>. Acesso em: 10 jul. 2023

Atlético-MG fecha parceria com clube de BH e terá equipe feminina. Lance. Disponível em: <https://www.lance.com.br/atletico-mineiro/atletico-fecha-parceria-com-clube-tera-equipe-feminina.html>. Acesso em: 10 jul. 2023

CONFEDERAÇÃO SUL-AMERICANA DE FUTEBOL. Regulamento, 14 jan. 2015. Disponível em: <http://www.conmebol.com/es/estatuto>. Acesso em: 11 jul. 2023.

6. ANEXOS

ROTEIRO		
GRANDE REPORTAGEM: FUTEBOL FEMININO EM MINAS GERAIS: UMA VISÃO DA MODALIDADE NO ESTADO.	DIREÇÃO: MAYLA ARAÚJO; PEDRO HENRIQUE CASTRO.	DURAÇÃO APROXIMADA: 6 MINUTOS
Ouro Preto_MG - Vambora Brasil.mp4	Primeiro OFF falando sobre a extensão e traços culturais de Minas Gerais, coberto com paisagens e comidas típicas do estado	
Cozinha Show Itinerante_Rota Gourmet das Terras Altas da Mantiqueira.mp4		
Passagem_1.mp4	SOBE GC: MAYLA ARAÚJO REPÓRTER Passagem da repórter falando sobre o tamanho do estado e a extensão territorial DESCE GC	
arena mrv.mp4	Off falando sobre como os clubes surgem para as meninas se profissionalizarem	
america - Feito com clipchamp.mp4		
cruzeiro - Feito com		

clipchamp.mp4	
Trecho transmissão da Final do Campeonato Mineiro de Futebol Feminino 2022 - GaloTV	Off falando do número de edições do campeonato mineiro feminino
Passagem_2.mp4	Passagens informando quantas equipes participaram na história do campeonato
Lance_NacionalVRBXAmerica.mp4	Off coberto com lances de partida do América falando sobre os 3 principais vencedores da história da competição SOBE ARTE: NÚMERO DE TÍTULOS DE ATLÉTICO/MG, AMÉRICA E CRUZEIRO
Trecho transmissão da Final do Campeonato Mineiro de Futebol Feminino 2022 - GaloTV	SOBE SOM DA TRANSMISSÃO
Passagem_3	Passagem falando sobre a evolução do futebol feminino no estado
	SOBE ARTE: PEÇAS PUBLICITÁRIAS, NOTÍCIAS E MANCHETES EVIDENCIANDO O AUMENTO DA PROCURA PELA MODALIDADE Off informando sobre as quebras de recordes de público do futebol feminino
Entrevista_Letícia_Futebol_Feminino.mp4	SOBE GC: LETÍCIA OLIVEIRA JOGADORA DO AMÉRICA Entrevista em que atleta descreve como ela enxerga a evolução da modalidade DESCE GC
Entrevista_Katielle_Futebol_Feminino.mp4	SOBE GC: KATIELLE JOGADORA DO ATLÉTICO MINEIRO Entrevista da jogadora acerca do tema acima DESCE GC
Trecho transmissão da partida entre América x Cruzeiro do Campeonato Mineiro de Futebol Feminino 2023 - CoelhoTV	SOBE SOM TRANSMISSÃO
Passagem_4.mp4	Passagem discorrendo sobre o apoio e inspiração da família para as jogadoras
Entrevista_Katielle_Família.mp4	Relato da atleta explicitando que virou jogadora por conta de seu pai
Entrevista_Letícia_Família.mp4	A atleta evidenciando que sua inspiração para jogar futebol foi seu avô
Entrevista_Katielle_Família.mp4	A atleta diz que sua família a apoia desde o início de sua carreira
Passagem_5.mp4	Clubes e mídias dando maior apoio e auxílio para modalidade
Trecho transmissão da Final do Campeonato Mineiro de Futebol Feminino 2022 - GaloTV	Off coberto por imagens da transmissão falando sobre a evolução do futebol feminino ainda está aquém do ideal

NacionalVRBXAmerica_Gritode Guerra.mp4	
Passagem_6.mp4	Passagem falando sobre a determinação imposta pela CBF em 2019, ordenando que os clubes da série A à época deveriam ter uma equipe de futebol feminino estruturada
Entrevista_Letícia_Estrutura_America.mp4	Letícia fala sobre o apoio e a estrutura que seu clube proporciona às atletas
Entrevista_Katielle_Evolução_Futebol_Feminino.mp4	Katielle fala sobre a evolução do futebol feminino e suas conquistas
Entrevista_Letícia_Estrutura_America.mp4	Segunda parte sobre a fala de Letícia sobre a estrutura do América
Passagem_7.mp4	Passagem dizendo sobre o orgulho que as atletas sentem por terem alcançado grandes coisas na carreira
Entrevista_Letícia_Relato_Futebol_Feminino.mp4	Letícia agradecendo as gerações passadas por terem pavimentado o caminho para que elas pudessem alcançar mais
Entrevista_Katielle_Relato_Carreira.mp4	Katielle fala que, apesar das dificuldades, não se arrepende de nada em sua carreira e tem muito orgulho de sua trajetória
Entrevista_Letícia_Como_Enxerga_Modalidade.mp4	A atleta fala sobre a importância da procura do pública pela modalidade
NacionalVRBXAmerica_Torcida_2.mp4	SOBE CRÉDITOS SOBE SOM DOS TRECHOS
NacionalVRBXAmerica_Lances_3.mp4	
NacionalVRBXAmerica_Torcida_1.mp4	DESCE CRÉDITOS